

**DESTAQUES DO PORTAL A TARDE**



Claudio Colavolpe / Divulgação / 20.9.2018

Adelmo Casé fará live com doações para projetos sociais  
atarde.com.br/cultura

Plataforma Diáspora Lab seleciona cineastas negros  
atarde.com.br/cultura

www.atarde.com.br  
71 3340-8991 (Cidadão Repórter)  
71 99601-0020 (WhatsApp)

# EDITORIAL Só há uma humanidade

A impunidade aos crimes de racismo, cuja divulgação tem aumentado, produz o efeito de banalizar o ódio, em nova safra espinhosa, semeada na raiz da escravidão no Brasil, quando o corpo africano era propriedade e gerava fortuna aos supostos donos.

O racismo, chamado na academia de estrutural, vem manifestando-se nos fenômenos de delitos representados na internet ou imprensa convencional. A dúvida é se já ocorriam tantos ataques, mas só agora, com o poder da rede mundial, a repercussão aumentou.

Latejam na má consciência nacional

dois recentes casos, protagonizados por pessoas de mesmo nome daquele a quem Jesus convocou para seu apóstolo e autor de evangelho – Mateus, coletor de tributos

**A impunidade aos crimes de racismo, cuja divulgação tem aumentado, produz o efeito de banalizar o ódio, em nova safra**

e escritor autorizado da trajetória do Salvador.

Os Matheus (agora com agá) dão nova significância aos apelos de dois milênios por fraternidade, fartos no texto do Mateus original, mas até hoje, vencidos pelo conceito de divisão em duas humanidades, uma merecedora de benesses; outra, a ser perseguida.

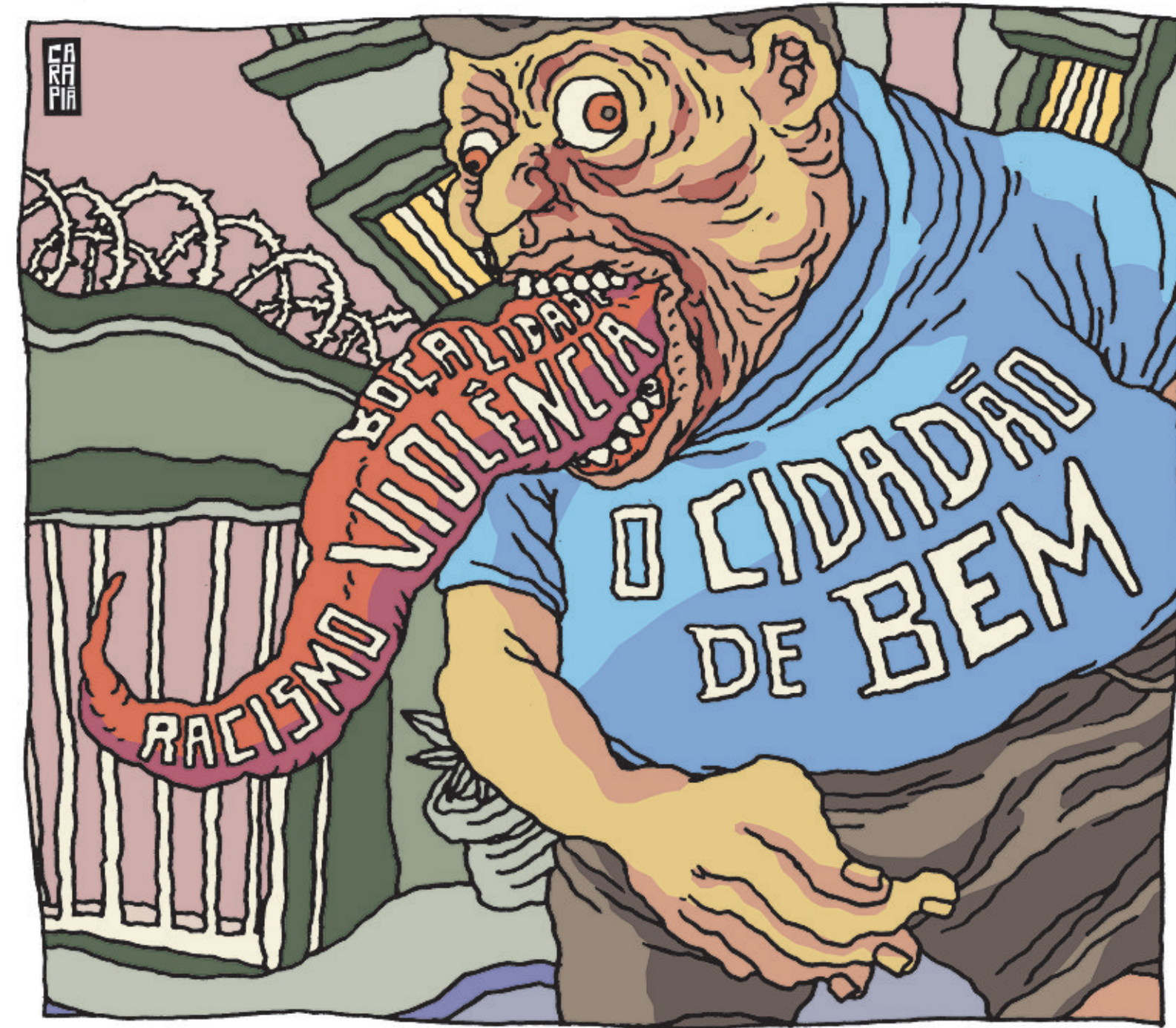
A humanidade dos não pretos teria direito a receber a pizza saborosa e crocante, enquanto ao preto entregador 'subumano' restam ofensas sob vistas grossas de policiais. Já um outro preto é atacado ao tentar trocar na loja o presente do

Dia dos Pais – um relógio.

Não é pequeno o contingente na Força, de policiais sem vontade de lavrar flangrante, ou de delegados em abrir inquérito, então aos instrumentos judiciais da República cabe o hercúleo trabalho sob pena de o racismo tornar-se explicitamente hegemônico.

O espantoso, após fortes evidências de constituirmos uma só raça – humana –, é o apego estúpido a pequenas diferenças, reforçando no espelho a valorização ou não de traços físicos, em nada melhores ou piores, apenas diversos, e avaliados sob perspectiva.

## TÚLIO CARAPIÁ



## Solidariedade sempre!

**Yvette Amaral**

Professora universitária  
yvetteleamosamaral@gmail.com

Cada época privilegia algumas palavras usadas com mais frequência. Não são neologismos, porém vocábulos existentes que ganham preferência. Agora parece resgatar-se uma palavra de sentido forte: solidariedade.

Solidariedade é comunhão com o outro, é presença constante, parceria e ajuda porque “o homem é um ser social”, conforme o filósofo. Aristóteles. O isolamento, a solidão, a misantropia não são situações que façam o ser humano feliz, pois ontologicamente ele precisa do outro.

A autossuficiência é uma insanidade. Ninguém se basta em todas as necessidades. É sinal de maturidade conhecer as próprias limitações e saber que, sem o próximo, a vida é impossível. E se eu preciso do outro, é claro que ele precisa de mim.

No sentir com o irmão e atendê-lo com solicitude consiste a solidariedade. São Paulo verbaliza esse sentimento, ao dar esse conselho: “Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram” (Rm 12,15).

Contrário ao que deveria, a história dos homens não é uma prática de solidariedade, e nela sobressaem os exemplos de egoísmo. Olhar mais para si do que para o irmão, competir para derrotar os outros integram a vida cotidiana sobretudo nas maiores cidades. Nessas se constitui marca registrada do cidadão urbano onde o anonimato supera os relacionamentos, e o individualismo se generaliza na sociedade.

Nesse contexto, explode a Covid-19, que, como um fantasma, provoca, em alguns lugares, até escassez de sepulturas. Entretanto as suas consequências tão trágicas motivam gestos solidários. Heroico é o trabalho dos profissionais da saúde que dão aos infectados a indispensável assistência. Não temem o desgaste físico; não se apavoram com o índice de letalidade, mas corajosos cumprem seu dever.

Lembramos também pessoas outras que não poupam assistência e carinho com os seus doentes, no próprio lar. Eis aí uma aprendizagem oferecida pela pandemia que nos motiva a amar, dentro de um contexto social que assina o provérbio “cada um por si e Deus por todos”.

A solidariedade é fruto do amor ao próximo e não se testa apenas em ações destacadas. As oportunidades de sermos solidários também estão na singeleza do cotidiano, quando atendemos ao irmão, com o que somos e o que temos.

Como o homem vive em grupo, a solidariedade tem sua dimensão social. Por isso está presente nas relações comunitárias, como atendimento a interesses da comunidade e respeito ao bem comum.

O novo normal, que deve ser uma diferente proposta para o mundo futuro, não dispensa a solidariedade.

## La Habana Vieja e o Novo Pelourinho

**Paulo Ormindó de Azevedo**

Arquiteto, professor titular da Ufba  
pauloormindo@gmail.com

Quem visitou Havana ultimamente se espanta como um país há 60 anos sob bloqueio econômico dos EUA e seus aliados pode ter um centro histórico tão cuidado. Este milagre se deve a Eusébio Leal, que morreu no último dia 31 de julho. Eusébio era um historiador de arte brilhante, quando em 1967 foi guindado a Historiador da Cidade e restaurou o Palácio dos Capitães Gerais. Mas ganharia força no Período Especial, quando Cuba enfrentava a perda dos subsídios da União Soviética, em 1991.

A única alternativa para Cuba sobreviver era o turismo e Eusébio sabia que tinha nas mãos um CH que era um grande ativo turístico, embora arruinado e super-povoado. Convenceu Fidel a transformar Havana Velha em um distrito autônomo dentro da cidade, Criou a Habaguanex S/A, uma empresa para gerir hotéis, restaurantes, bares,

agências de turismo e taxis, podendo importar e exportar. Um sistema semelhante ao adotado no Canadá e EUA conhecido como BID, Business Improvement District, em que a prefeitura repassa para um grupo local parte dos impostos arrecadados nos downtowns. Acusado de criar um Vaticano em Cuba, como na Itália, ele dizia que sim, mas o papa continuava sendo Fidel. Começou a restaurar ruas e praças e o casario para seus habitantes, com autoconstrução assistida, e garantia de não os expulsar.

Eusébio tinha, porém, uma pedra no sapato, a Plaza Vieja transformada, nos anos 40, num estacionamento em dois níveis, objeto de campanha internacional da UNESCO, coordenada pela poderosa Sra. Marta Arjones, diretora do Patrimônio Cultural de Cuba, mas que não andava. Fui designado pela UNESCO a fazer uma avaliação daquele projeto. Demonstrei que os países preferiam fazer convênios bilaterais que doarem via UNESCO e sugeri encerrar a campanha e entregar o espaço para o Historiador da Cidade. Eusébio recuperou a praça e me agradeceu.

Eusébio provou que podia conciliar turismo com inclusão social e preservação cultural e foi aplaudido mundialmente. Mais tarde perderia o cargo, mas recuperou Havana Velha. Em maio de 2018, a revista da F. Smithsonian publicou um longo artigo com o título “O homem que salvou Havana” e em 2019 ele foi eleito membro da Academia de Artes e Ciências dos EUA.

E o Pelourinho? ACM, o velho, contrariando as recomendações internacionais, tirou suas funções tradicionais e expulsou seus moradores para criar um “shopping a céu aberto”. O saldo de cerca de US\$ 120 milhões investidos são 1.400 imóveis em ruínas ou risco, segundo a Defesa Civil, no Centro Antigo. Este é o Novo Pelourinho, com centenas de sobrados escorados esperando voltar a baldios para satisfação do establishment, depois que se esgotaram, no Corredor da Vitória e Ladeira da Barra, as vista para a baía. Ano passado, fiz três estudos de requalificação do Centro Antigo para um convênio da UNESCO com a Prefeitura. A FMLF nem quis avaliá-los, já tinha sua posição firmada.